

Aconselhamento Pastoral e Libertação*

Lothar Carlos Hoch

A) O lugar do Aconselhamento Pastoral no contexto latino-americano

Quem se propõe a falar em Aconselhamento Pastoral numa perspectiva libertadora no contexto latino-americano deverá, antes de mais nada, ter a humildade de reconhecer que uma tal pastoral só existe de maneira incipiente. Por isso o que aqui é exposto não passa de uma tentativa primeira de se aproximar de um tema relativamente novo. A discussão subsequente da temática e, acima de tudo, a prática haverão de mostrar em que medida as idéias aqui expostas representam uma contribuição efetiva para o processo de libertação latino-americano, com o qual também a Teologia Pastoral está procurando se alinhar.

Sob Aconselhamento Pastoral Libertador entendo uma ação pastoral que, a partir da fé cristã, se propõe a solidarizar-se com pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, do estabelecimento duma relação de ajuda e da mobilização dos recursos terapêuticos da comunidade, ajudando-a inclusive a descobrir as causas estruturais que geram o sofrimento.

O Aconselhamento Pastoral precisa estar afinado com os objetivos amplos de libertação da sociedade e da própria Igreja. Ele se alia a essa luta maior mas dá uma contribuição dentro da sua competência específica. Essa consiste em atentar para as necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento pessoal que resultam de situa-

* Versão retrabalhada duma palestra proferida pelo autor no "Seminário Internacional sobre Poimênica e Teologia Pastoral", realizado em Düsseldorf/Kaiserswerth, RFA, entre 20 e 24 de junho de 1988, sob o título "Seelsorge und Befreiung. Problemanzeige aus lateinamerikanischer Sicht".

ções cruciais como pobreza, doença e morte ou de crises que assolam pessoas ao longo da vida, tais como a velhice, o relacionamento familiar e outras.

A busca de objetivos abrangentes e de longo prazo no processo de libertação estrutural não pode levar a que se percam de vista as necessidades mais imediatas daqueles que vão sucumbindo sob o peso do sofrimento ao longo do caminho. O Aconselhamento Pastoral quer contribuir para que a utopia da libertação estrutural possa ir sendo mediada e experimentada em pequenas doses por pessoas e grupos no convívio fraterno da comunidade peregrina.

É evidente que se o Aconselhamento Pastoral pretender ir além da problemática individual ele precisará levar em consideração determinados aspectos da realidade maior, tanto estrutural como eclesial. Por questões de espaço terei que restringir-me à consideração de apenas três desses aspectos que considero importantes para marcar o lugar do Aconselhamento Pastoral no contexto latino-americano.¹

1. A realidade sócio-econômica

O principal problema latino-americano é o crescente empobrecimento de grandes camadas da população. Alguns dados servem para ilustrar esse fato: 60% dos trabalhadores brasileiros percebem um salário mensal inferior a 50 dólares; 32 milhões de crianças, isto são 23% da população total, não dispõem de condições básicas de moradia, de atendimento médico e pedagógico; as favelas nas grandes metrópoles crescem constantemente — nos últimos 15 anos a população favelada do Rio de Janeiro quadruplicou².

Esses dados se referem ao Brasil, mas nos demais países latino-americanos a realidade não é muito diferente. O paradoxal nisso tudo é que, no caso do Brasil, desde o golpe militar de 1964, o país deu um salto do 46º para o 8º lugar dentre as economias mundiais no que se refere ao

1 — Problemas como o genocídio dos povos indígenas, a escravidão negra, a exploração contínua dos recursos naturais, a instabilidade política e o papel dos militares, a dívida externa e a dependência em relação aos países industrializados, a explosão demográfica e outros não poderão ser considerados aqui, mesmo que sejam importantes para a compreensão geral da realidade latino-americana.

2 — Dados como esses são conhecidos internacionalmente. Baseio-me aqui em Ansgar SKRIVER. *Schlafender Riese, Brasilien steckt in der Krise*. ("O gigante adormecido. O Brasil está em crise") *Lutherische Monatshefte*. Ano 27, fev. 1988, p. 53.

crescimento do Produto Social Bruto³. Esse "progresso" foi alcançado em boa parte à custa da população pobre, uma vez que o contraste entre ricos e pobres continuou crescendo ao longo de todo esse período. É evidente que a problemática da pobreza não resulta da falta de produção ou da falta de riquezas — o Brasil é ainda hoje, apesar da exploração e da depredação de seus recursos naturais, um país extremamente rico. O problema é a injusta distribuição da riqueza. Trata-se, pois, de um problema estrutural.

Mas os pobres da América Latina nesse meio tempo sabem muito bem que o modelo de desenvolvimento vigente passa de largo por eles, pois o sentem diariamente em seus próprios ventres. Eles já perceberam também que não precisam esperar mudança de parte daqueles que se beneficiam do sistema. Aos poucos cresce entre eles a consciência de fé de que a pobreza não é um destino imposto por Deus, mas o resultado de medidas humanas bem concretas e identificáveis. Em suma: os pobres da América Latina sabem que são pobres porque são feitos e mantidos pobres por outros⁴.

Um Aconselhamento Pastoral que pretende ser libertador, pelo menos em nossos trópicos, precisa levar em consideração a perspectiva da pobreza, as suas causas e uma estratégia de sua superação se ela quiser permanecer sintonizada com o sofrimento maior do nosso povo. Uma atitude pastoral que exercer uma função de estabilização do sistema de injustiça institucionalizada em nosso continente trai o Evangelho.

2. A realidade eclesial

O quadro eclesial latino-americano é fortemente marcado pela presença da **Igreja Católica Romana**. O catolicismo clássico que nos sobreveio dos países ibéricos foi influenciado pelo espírito da Contra-Reforma e do Tridentino⁵. Esse catolicismo se apresentou aos seus fiéis através de uma igreja hierárquica, presa a concepções pré-estabelecidas e como única dispenseira da salvação. Ela não conseguiu se colocar no

3 — Cf. Leonardo e Clodovis BOFF. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 16.

4 — *Op. cit.* p. 15.

5 — J.B. LIBANIO. *O que é pastoral*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 47, cf. também H.J. PRIEN. *Verbete "Lateinamerika"*. In: *Ökumene Lexikon*, Frankfurt, Editora Otto Lembeck, 1983, col. 744.

mesmo nível com aqueles que procuravam nela uma parceira que se dispusesse a acompanhá-los em suas crises e incertezas através de um diálogo pastoral aberto.

No centro daquilo que se poderia entender como "Aconselhamento Pastoral" sempre esteve o Sacramento, principalmente a Confissão e a Unção dos Enfermos. Este fato se constituiu possivelmente no motivo pelo qual, através dos séculos, não se desenvolvesse no interior do catolicismo latino-americano uma disciplina como o Aconselhamento Pastoral, que tenha a seu encargo a tarefa de capacitar lideranças para um diálogo pastoral solidário com pessoas em situações de crise.

Nesse contexto precisa ser mencionado o 2º Concílio Vaticano, do qual saíram impulsos importantes para a Teologia Pastoral. Desde então, principalmente através da valorização dos leigos, surgiram inúmeras "pastorais" no seio da Igreja Católica. Essas pastorais são tentativas orientadas pela prática que visam estender a ação da Igreja a diferentes grupos humanos ou a realidades conflitivas específicas. Dentre essas pastorais, as que se situam mais próximas ao Aconselhamento Pastoral são a "Pastoral do Idoso", a "Pastoral da Família" e, particularmente, a "Pastoral da Saúde". Esta última tem sob sua responsabilidade a visitação a doentes em hospitais e domicílios. Mais recentemente ela tem ampliado sua atuação duma ação meramente individual para uma luta por um sistema de saúde mais justo no Brasil⁶.

Observando-se mais a fundo essas diversas pastorais, percebe-se que elas não têm um conceito teórico e prático de Aconselhamento Pastoral, baseado no diálogo, que lhes sirva de fundamento comum. O Aconselhamento Pastoral no âmbito católico está dissolvido nas diferentes pastorais voltadas a grupos específicos. A partir daí torna-se compreensível que não se encontre dentre as publicações católicas latino-americanas um compêndio sobre conversação pastoral ou uma revista sobre "Aconselhamento Pastoral".

Não é fácil falar do Aconselhamento Pastoral no **contexto do protestantismo**. Isso porque o protestantismo latino-americano não constitui uma unidade, mas está dividido em diferentes denominações e grupos. Distinguirei, a seguir, três ramos: o protestantismo de imigração europeia, principalmente alemã; o protestantismo resultante de atividades

6 — Cf. Pastoral da Saúde. **Revista Bimensal de Liturgia**. Ano 3, jan./fev. 1976. A nova tendência de ampliar a questão da saúde para dentro das questões estruturais se fez sentir dentro da CNBB através da Campanha da Fraternidade, ano 1981, que tinha por tema "Saúde para todos", cf. Lúcia Ribeiro. **Tempo e Presença**. Nº 213. out. 1986, p. 22s.

missionárias norte-americanas (esses dois ramos constituem hoje o chamado protestantismo histórico); e o protestantismo mais recente, constituído principalmente de igrejas pentecostais e neo-pentecostais e da chamada "Igreja Eletrônica".

Ao **protestantismo de imigração** pertencem sobretudo as igrejas luteranas e as igrejas reformadas no sul do Brasil, na Argentina e no Chile. Entre essas igrejas o Aconselhamento Pastoral é uma disciplina conhecida e amplamente praticada a nível das comunidades. Na IECLB, por exemplo, o Aconselhamento Pastoral é uma disciplina que integra o currículo de formação teológica dos pastores e catequistas. Já foi criado um Centro de Clínica Pastoral para o treinamento de obreiros na arte da conversação pastoral. Livros como "Aconselhamento Pastoral" do americano Howard Clinebell⁷ e a "Prática da conversação pastoral", dos holandeses H. Faber e van der Schoot⁸ estão traduzidos para o português. O maior desafio consiste em desenvolver um conceito de Aconselhamento Pastoral que leve em conta a realidade latino-americana.

Ao **protestantismo de missão** pertencem, sobretudo, a Igreja Metodista, algumas Igrejas Presbiterianas, a Igreja Anglicana, a Igreja Congregacional e algumas correntes da Igreja Batista. Também entre essas igrejas o Aconselhamento Pastoral é uma disciplina prestigiada e ensinada nos seus respectivos seminários. Isso se deve, entre outros fatores, ao destacado papel que ele desempenha nas igrejas-mãe dos U.S.A. Desde 1978 funciona, junto ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, um Instituto de Clínica Pastoral. Uma das primeiras publicações que atesta a penetração do Aconselhamento Pastoral entre essas igrejas é o livro de V. James Mannoia "Aconselhamento Pastoral"⁹. Também o setor evangélico tem prestigiado o Aconselhamento Pastoral,¹⁰ procurando dar-lhe uma fundamentação bíblica mais sólida.

Junto com o Aconselhamento Pastoral observa-se uma crescente valorização da Psicologia Pastoral entre as igrejas do protestantismo histórico. Uma consulta latino-americana realizada em Buenos Aires, no início dos anos 80, mostrou, contudo, que a Psicologia Pastoral latino-americana é extremamente dependente dos U.S.A. e que ela ainda não foi capaz de levar em consideração a realidade específica da América Latina. Verificou-se igualmente que ela opera com um conceito indivi-

7 — Editora Sinodal/Editora Paulinas (co-edição), São Leopoldo/São Paulo, 1987, 428 p.

8 — Editora Sinodal, São Leopoldo, 1985, 228 p.

9 — A obra foi reeditada (3ª ed.) pela Redigio Gráfica e Editora, Atibaia, 1986, 125 p.

10 — O livro de G. COLLINS. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo, Edições Nova Vida, 1985, 390 p. é expressão disso.

dualista de pessoa humana e que, em conseqüência disso, não incorporou em sua teoria e prática a dimensão profética da mensagem bíblica¹¹.

No Brasil tem-se procurado ampliar as bases da Psicologia Pastoral, visando a sua integração com a realidade sócio-econômica e cultural. O Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) é uma das entidades que está a promover uma indigenização dessa disciplina. Ele tem apoiado encontros e publicado livros com esse propósito¹².

Nos últimos anos está se observando um crescimento espantoso de igrejas e **movimentos pentecostais** na América Latina. Atuando preferencialmente entre camadas pobres da população e fortemente apoiados pela **igreja eletrônica**, esses movimentos conseguem reunir multidões e ocupar amplos espaços nos meios de comunicação, principalmente no rádio e na televisão. A ênfase de sua pregação está na evangelização e na "cura" de toda sorte de enfermidades. É justamente no contato com doentes e seus familiares que essas igrejas desvelam a sua concepção implícita de Aconselhamento Pastoral.

Preocupa especialmente a concepção individualista de pessoa humana desses movimentos. No seu ímpeto missionário eles tendem a ignorar a realidade social como causa geradora do sofrimento humano. Doença e miséria são resultado de fracasso e desobediência individuais. Fala-se também em "libertação". Mas esse conceito é entendido primordialmente no sentido moral, como um não contaminar-se com o mundo. O Aconselhamento Pastoral tem uma função de tutelação na fé e está muito centrado no carisma individual dos líderes espirituais¹³.

Ainda que se deva levar a sério a preocupação com a cura, um aspecto que, aliás, as igrejas históricas têm negligenciado em sua pastoral, é preocupante a função ideológica que alguns desses movimentos pentecostais e, sobretudo, a igreja eletrônica ocupa na América Latina. Vendo-se o volume de recursos de que dispõe a igreja eletrônica, passam a ser justificadas as suspeitas de que ela esteja sendo financiada por

11 — Cf. E. RAMIREZ. *Investigación de Diagnóstico "La Psicología Pastoral en America Latina"*. A.S.I.T., Buenos Aires, 1981 (manuscrito).

12 — Cf. L.C. HOCH. *Psicologia Pastoral Contextualizada. Didaqué Kainê*. Revista da ASTE, São Paulo, outubro de 1983, p. 5 e 6 (Palestra proferida em um destes encontros).

13 — Um dos livros muito usados em círculos legalistas é J. ADAMS. *Conselheiro capaz*. São Paulo, Fiel, 1977, 267 p.

organismos internacionais, interessados em fazer da religião um instrumento de alienação em nosso continente¹⁴.

Resumindo este breve comentário sobre o lugar do Aconselhamento Pastoral no protestantismo latino-americano pode-se dizer que lhe falta consciência dos pressupostos ideológicos que o norteiam e clareza sobre o papel que desempenha dentro da conflitividade vivida pelos diferentes grupos e classes e dos interesses em jogo neste continente.

3. A Teologia da Libertação

É compreensível que sob as circunstâncias sociais e eclesiais acima descritas muitos olhares se voltem esperançosos ou desconfiados para a Teologia da Libertação. A TdL representa algo efetivamente novo, tanto em relação ao catolicismo tradicional, quanto em relação às diferentes manifestações do protestantismo, ainda que tenha surgido em meio a essas igrejas. Durante essa exposição pretendo examinar a pergunta: Qual a contribuição que a TdL faz para o Aconselhamento Pastoral? É no mínimo interessante que essa pergunta ainda não tenha sido levantada até agora.

Infelizmente precisa ser constatado que a TdL, pelo menos à primeira vista, não dá uma contribuição tão grande para o Aconselhamento Pastoral quanto dela se esperaria. Nos clássicos da TdL não se encontra um único capítulo que abordasse diretamente esse assunto. Conceitos como "Aconselhamento Pastoral" ou "Psicologia Pastoral"¹⁵ não fazem parte do vocabulário dos teólogos da libertação. Dentre os títulos previstos para a grande série de 50 volumes sobre a Teologia da Libertação não há um sequer que se relacione com a temática do Aconselhamento Pas-

14 — Cf. H. ASSMANN. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1986, 215 p. Cf. também *Aconteceu no Mundo Evangélico*. Uma publicação do CEDI. Ano 7, nº 72, nov. 1988. Ali se denuncia concretamente o fato dos EUA estarem canalizando "Fartos recursos econômicos... para o pagamento de salário aos pregadores e de programas televisivos", p. 4. Entre os objetivos estaria, de um lado, o enfraquecimento da ala progressista da Igreja e das CEBs e, do outro lado, a pregação do "respeito à autoridade estabelecida" na medida em que se tratar de governo aliado aos EUA. Outro objetivo da canalização de tais recursos econômicos seria o de afastar os fiéis de "qualquer participação em organismos dissidentes", *ibid.*

15 — Nem mesmo temas ou perguntas relacionadas com a dimensão psicológica da existência humana, de maneira geral, foram contemplados pelos mais conhecidos teólogos da libertação. As referências a ela permanecem escassas (cf. por exemplo G. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*, Petrópolis, 1979, p. 38). Sobre a temática, cf. L. C. HOCH. *Psicologia a serviço da libertação*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 25(3): 249-269, 1985.

toral. Somente o livro de Júlio Munaro sob o título "Confissão e unção dos enfermos" parece pretender abordar questões que se situam nessa área. Isso chega a surpreender, na medida que a TdL dá grande ênfase à Pastoral e a prática da solidariedade com os que sofrem.

Eu poderia imaginar que em círculos mais radicais da TdL uma reflexão sobre o relacionamento entre Aconselhamento Pastoral e a própria TdL seja vista até mesmo com uma certa suspeita. Esta distância entre o Aconselhamento Pastoral e a TdL, ao meu ver, se explica pelo seguinte:

a) Como foi dito acima, a disciplina "Aconselhamento Pastoral", nos termos em que existe na Europa e nos EUA e em algumas igrejas protestantes latino-americanas, não é conhecida no meio católico da América Latina. Ora, foi justamente em círculos católicos que, pelo menos inicialmente,¹⁶ se lançaram as bases para a formulação da TdL. Não se poderia esperar que teólogos provindos de uma tradição que não estava familiarizada com o Aconselhamento Pastoral se reportassem à mesma.

b) A TdL tem uma proposta diferente. Enquanto o Aconselhamento Pastoral, pelo menos o conhecido e praticado até agora em nosso contexto, tem como objeto de atenção principal o indivíduo, a TdL procura resgatar a dimensão comunitária da práxis eclesial e busca uma libertação ampla que inclui a esfera estrutural. Nesse sentido os modelos de aconselhamento tanto eclesiais como os praticados pela psicoterapia, enquanto apresentaram uma orientação nitidamente individualista,¹⁷ efetivamente não puderam merecer uma especial atenção por parte da TdL.

Passada a primeira fase, marcada pela formulação e sistematização das teses fundamentais da TdL, novos aspectos vão sendo incorporados à mesma. A ampliação da dimensão ecumênica e a exigência interna da própria pastoral contribuirão para que a perspectiva do Aconselhamento Pastoral, desde que afinada com as suas premissas básicas, ganhe espaço no interior da TdL. O próprio Leonardo Boff¹⁸ reconhece que a TdL conheceu um "processo de afinamento crescente" mas que hoje, "sem perder de vista a opressão fundamental, a sócio-econômica", está em processo de incorporar novos aspectos, tais como a questão cultural,

16 — Teólogos protestantes como Richard Shaull e Rubem Alves, que reconhecidamente formam entre os precursores da TdL, não chegam a relativar essa constatação.

17 — No caso da psicoterapia ainda se acrescentem os elevados honorários cobrados, o que a transforma num privilégio para os economicamente bem situados.

18 — A teologia da pequena libertação. **Tempo e Presença**. Publicação do CEDI n° 229, Abril 1988, p. 20 e 21.

a étnica, a sexual e tantas outras. "As opressões têm muitos rostos", afirma ele, e por isso é necessário que o teólogo ou o agente de pastoral se torne companheiro "em todos os momentos cruciais" da vida do povo sofredor, inclusive naquelas áreas onde a pobreza "desestrutura as pessoas por dentro".

Observações desse tipo representam, a meu ver, um indício de que na América Latina, com o surgimento da TdL, está sendo gerada uma nova concepção de Aconselhamento Pastoral. A nível acadêmico ainda não se fala na questão. Por ora ainda falta qualquer referência explícita à nomenclatura do Aconselhamento Pastoral. Todavia, estou convencido que a nível da prática pastoral libertadora, especialmente no interior das Comunidades Eclesiais de Base, está acontecendo muito daquilo que o Aconselhamento Pastoral se propõe a realizar. Só que numa forma e num espírito diferentes.

Cabe des-cobrir essa nova modalidade de vivência da solidariedade e, perscrutando-a, possibilitar que ela enriqueça a prática do Aconselhamento Pastoral. Cabe-nos ver, por outro lado, se o Aconselhamento e a Psicologia Pastoral, em sua versão genuinamente evangélica, têm uma contribuição a dar à pastoral libertadora latino-americana.

B) Concretizando a problemática

Na Europa¹⁹ e nos EUA²⁰ o Aconselhamento Pastoral tem sido compreendido primordialmente como acompanhamento e orientação a pessoas em suas diferentes necessidades individuais²¹.

A preocupação com as necessidades pessoais na área da doença, da psique, da família, da velhice e em questões espirituais, a priori, não chega a ser problemática. Pelo contrário, em se tratando de questões cruciais para a vida de pessoas, é uma preocupação legítima da Igreja.

O aconselhamento pessoal tornar-se-á problemático, todavia, na medida em que tiver uma orientação individualista e quando pretender se relacionar com pessoas humanas sem levar em consideração sua si-

19 — Na Alemanha fala-se em "Seelsorge"; a tradução do termo para o português é difícil. No passado ele era traduzido por "Cura da Alma", hoje prefere-se o termo "Poimênica". Infelizmente esse termo não consta no dicionário Aurélio.

20 — Nos EUA o Aconselhamento pastoral é conhecido sob os termos "Pastoral Care" e "Pastoral Counseling", sendo que o primeiro dos dois é mais amplo e se refere ao cuidado pastoral dos fiéis ao longo de toda a vida. (Cf. H. CLINEBELL. *Aconselhamento Pastoral*. Paulinas/Sinodal, 1987, p. 25).

21 — Veja, por exemplo F. WINTZER. *Seelsorge*. Texte zum gewandelten Verständnis und zur Praxis der Seelsorge in der Neuzeit. Munique, 1978, p. XVIIs.

tuação social, econômica, cultural e religiosa. Em outras palavras, quando ele não se der conta da sua função política. Ora, é justamente esse modelo individualizante de Aconselhamento Pastoral que tem predominado no meio protestante da Europa e dos Estados Unidos. Esse também foi o modelo introduzido pelas igrejas protestantes de imigração e de missão em solo latino-americano. Eis porque o Aconselhamento Pastoral em nosso contexto jamais exerceu a função profética que lhe cabe como uma forma de atualização do Evangelho de Jesus Cristo.

Ao longo da história já houveram tentativas, mesmo na Europa, de superar o estreitamento conceitual e prático do Aconselhamento Pastoral. Lembro o apelo feito por Otto Baumgarten, ainda no final do século passado. Dizia ele: "O pastor não pode exercer sua tarefa apenas junto a indivíduos, pois esses estão inseparavelmente vinculados ao processo histórico da vida social e econômica do povo. O pastor deve tentar influir sobre o processo social global e sobre a opinião pública que está a documentá-lo"²².

Esse apelo infelizmente não teve a devida ressonância e continua, quase um século depois, a ter a mesma atualidade.

Mais recentemente foi Wolf Dietrich Bukow²³ que alertou a Igreja para o fato de que na mesma proporção em que ela cura apenas superficialmente as feridas, encobrindo as verdadeiras razões que as causam, também o Aconselhamento Pastoral cumprirá uma função superficial de reprimir conflitos. Por faltar ao pastor uma formação sócio-psicológica adequada, ele é incapaz de compreender a pessoa humana em suas múltiplas determinações pelo meio social no qual vive. Não lhe resta outra alternativa a não ser, através dum tratamento intensivo, tornar o indivíduo novamente apto a funcionar na concorrência inter-individual. Trata-se duma miopia do pastor achar que ele tem diante de si um caso individual que necessita de sua compaixão. E em sua ácida crítica à Igreja, Bukow conclui: "A Igreja é hoje uma instituição que oferece ajuda sócio-terapêutica a varejo e que se preocupa com pessoas nas quais os poderosos não têm interesse, a saber: os idosos, os alcoólatras, os loucos, os presos e os menores"²⁴.

Críticas como as formuladas por Bukow precisam ser encaradas com muita seriedade. Para isso será necessário perguntar em que medida dever-se-á romper com a tradição do Aconselhamento Pastoral que

22 — Die soziale und politische Dimension der Seelsorge. In: F. WINTZER. op. cit. p. 46.

23 — **Das Elend der sozialistischen Opposition in der Kirche**. Theologische Existenz heute, n° 162, Munique, 1969, p. 44s.

24 — Op. cit. p. 45.

tem tido na preocupação com o indivíduo o seu verdadeiro perfil de disciplina teológica. A questão é, pois, conceber um Aconselhamento Pastoral que seja capaz de superar o individualismo e contribuir para a formação duma consciência crítica e de alinhá-lo com a luta por estruturas mais justas da sociedade.

É vital que o Aconselhamento Pastoral aja movido por um espírito comunitário e que inclua a dimensão estrutural em sua perspectiva de ação. Se ele operar com um conceito individualista de pessoa, fatalmente será presa da ingenuidade e ficará a mercê de ideologias estranhas. Sua função será a de estabilização do sistema. Este no momento é o desafio maior.

Estabelecida essa abrangência do Aconselhamento Pastoral, o desafio seguinte consistirá em não perder de vista a pessoa humana na sua unicidade como criatura de Deus. Ainda que seja parte de um sistema maior de relações de toda espécie, inclusive econômicas, a pessoa humana, na perspectiva teológica, permanece sendo responsável pelos seus atos e, em certo sentido, livre de tudo o que a prende, sejam sistemas ou mesmo tutelas eclesiais. Essa é uma ênfase legítima da teologia reformatória. Como tal, a pessoa humana vive situações únicas e singulares de conflito e de sofrimento que requerem a parceria do Aconselhamento Pastoral.

Pretendo abordar esta dialética a partir da práxis libertadora que está se esboçando no interior das igrejas latino-americanas. Para isso será necessário falar de alguns pressupostos hermenêuticos da TdL. Pretendo fazê-lo tendo sempre em vista a perspectiva do Aconselhamento Pastoral, pois é ele que nos interessa aqui.

C) A contribuição da TdL para a articulação duma poimênica libertadora

Permitam-me introduzir o assunto através de um singelo exemplo: A favela estava ali há muitos anos, na encosta do morro. Um dia, o Departamento de Turismo decidiu remover os moradores para um "lugar mais conveniente". Não ficava bem aquela mancha escura na face bonita da cidade.

A notícia se espalhou rapidamente entre os moradores. A revolta foi geral. Era preciso tomar providências, uma atitude coletiva. Convocou-se uma reunião de moradores. Esses, embora costumassem discordar em torno de muitas coisas, nessa noite foram unânimes em afirmar que "daqui a gente não sai!". No final do encontro alguém pro-

pôs: "Pessoal, vamos dar as mãos e rezar um Pai-Nosso, para Deus dar força à gente nessa luta!"²⁵

Estava aí o embrião de uma Comunidade Eclesial de Base. Nos meses seguintes, estimulados por um agente de pastoral, diversos moradores, conforme a vizinhança, começaram a se reunir em grupos menores. As assembléias gerais tinham lugar apenas esporadicamente, quando necessárias. Não demorou muito para que alguns dos grupos comesçassem a ler a Bíblia em conjunto e que se passasse a explicitar o sentido evangélico da luta pelos direitos do pobre. Aos poucos Deus passou a ser visto como um Deus que se solidariza com o fraco e foi se estabelecendo uma relação entre a fé e a luta pela moradia.

À medida em que as pessoas iam se reunindo, foi surgindo entre elas a consciência dos reais motivos que levam alguns a morar em palácios e outros em favelas. Percebeu-se também que mudanças só são possíveis através de uma ação conjunta e solidária de todos. Não demorou muito para que os integrantes dos grupos percebessem que a solidariedade na luta pela moradia, pela educação, pela saúde e tantas outras, precisa se estender também para questões que dizem respeito à convivência pessoal entre os moradores. Assim passou-se a reconstruir em mutirão alguns dos barracos que estavam ameaçados de cair, a visitar pessoas idosas e doentes em seu meio e a interceder por eles nos momentos de encontro e oração grupal.

Eu poderia continuar descrevendo o processo que foi desencadeado nesse grupo de base ou sobre coisas semelhantes que acontecem em centenas de outros grupos espalhados pela América Latina. Acho, no entanto, que o que foi dito já permite que se entreveja algumas pistas para uma reflexão poimênica²⁶. É claro que para essa reflexão preciso extrapolar o exemplo desse grupo de base e enriquecê-lo com o conjunto da prática libertadora latino-americana.

1. A relação com o testemunho bíblico

A Teologia da Libertação, especialmente no meio católico, representou uma redescoberta da Bíblia e de sua dimensão libertadora (no contexto protestante a redescoberta deu-se muito mais cedo). Esta dei-

25 — Reprodução livre baseada em DOM L. FERNANDES. **Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base**. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 11s.

26 — Uso o termo no sentido amplo, como a pastoral voltada a zelar pelo bem-estar do povo de Deus em todos os sentidos.

xou de ser um privilégio nas mãos de autoridades eclesiásticas que monopolizam a sua interpretação para voltar às mãos do povo humilde. "Existe un entusiasta encuentro directo entre el pueblo y la historia bíblica. Sin las ataduras de una interpretación dogmática pre-fijada y a ser reproducida, tanto como sin la asfixiante erudición exegético-científica monopolizada por los teólogos, se registra una vitalidad impresionante en el descubrimiento de la Biblia dentro de las relaciones sociales del pueblo"²⁷.

Não é por acaso que no exemplo da favela, inicialmente mencionado, os grupos de base se reuniram em torno da Bíblia. A práxis latino-americana de libertação em geral, pelo menos a que se dá no seio das igrejas, é uma práxis bíblica de libertação.

É evidente que o recurso à Bíblia não representa nenhuma garantia para uma abordagem libertadora dos problemas. Os grupos pentecostais mais alienados também baseiam sua pretensa ação libertadora na Bíblia.

O novo da leitura bíblica da TdL é a sua leitura a partir da ótica dos pobres. Ela vê emanando dos textos bíblicos uma "energia transformadora"²⁸ que anima os próprios pobres a serem agentes de mudança.

Também o Aconselhamento Pastoral, se quiser promover libertação em sentido amplo e verdadeiramente evangélico, precisa estar firmemente arraigado no testemunho bíblico. O que não provém da fé, não se constitui em libertação cristã. É no máximo altruísmo humanista. O Aconselhamento Pastoral se quiser ser verdadeiramente libertador, também na América Latina, deverá se constituir em auxílio para a fé. E ele será auxílio para a fé na medida em que derivar da própria fé o auxílio para a vida que se propõe a prestar. "O auxílio para a fé confere ao auxílio para a vida uma determinada tendência no que diz respeito ao seu conteúdo"²⁹.

O povo latino-americano é um povo extremamente religioso. Cabe à poimênica canalizar essa religiosidade para objetivos libertadores, evitando que essa continue — como foi historicamente — a ser explora-

27 — W. ALTMANN. *Confrontacion y Liberacion. Una perspectiva latinoamericana sobre Martin Lutero*. Buenos Aires, ISEDET, 1987, p. 64s.

28 — Expressão usada por L. e C. BOFF, op. cit. p. 53.

29 — H. LUTHER. *Altagsorge und Seelsorge: Zur Kritik am Defizitmodell des Helfens. Wege zum Menschen*. Ano 38, 1986, p. 4. Com relação à discussão a respeito do Aconselhamento Pastoral como "Auxílio para a vida" ou como "Auxílio para a fé" cf. H. TACKE. *Glaubenshilfe als Lebenshilfe*. Neukirchen-Vluyn, 1975, 288 p.

da para fins ideológicos de conformismo com o status quo e com o destino de sofrimento ao qual grande parcela da população se considera condenada. Uma das tarefas do Aconselhamento Pastoral na América Latina consiste justamente em contribuir para que a cruz, hoje largamente difundida como um símbolo de entrega passiva a um destino de sofrimento, seja reinterpretada como um símbolo prenhe de libertação.

2. A dimensão da encarnação

“A Teologia na América Latina começa com uma troca de lugares, isto é, com uma opção pelo mundo dos pobres como o lugar teológico e com os pobres como parceiros de prática da fé”³⁰.

Este princípio hermenêutico tem conseqüências para toda e qualquer ação pastoral, mormente para o Aconselhamento Pastoral. Este passa a ser inconcebível sem que o pastor ou o agente se exponha à vida e ao sofrimento daqueles com quem pretende trabalhar. Ele ou ela precisa se encarnar na realidade dos que sofrem, pois sua ação se inspira no modelo cristológico da encarnação do qual o Apóstolo fala em Filipenses 2.

Por outro lado, quanto mais ó/a agente de pastoral tentar descer de sua condição privilegiada, tanto mais ele ou ela se aperceberá da impossibilidade de uma identificação total com o sofrimento do pobre. Será necessário reconhecer que o academismo teológico e intelectual são insuficientes. Mais até: o/a agente precisa morrer no seu saber poimênico antecedente e estar disposto à troca de saberes com aqueles junto aos quais pretende atuar.

Não é por acaso que Carlos Mesters,³¹ uma pessoa exercitada no convívio com o sofrimento, confessa:

“Diante da vida do povo sofrido,
a gente não fala; só sabe calar.
Esquece as idéias do povo sabido,
e fica humilde; começa a pensar”.

O sofrimento do povo se tornará menos acessível ainda quanto mais a pastoral se aproximar dele em postura hierárquica ou com pretensões de educá-lo. “Instintivamente o povo se retrai, silencia e torna-se

30 — U.SCHOENBORN. *Gekreuzigt im Leiden der Armen. Beiträge zur kontextuellen Theologie in Brasilien*. Mettingen, 1986, p. 113.

31 — *A palavra de Deus na História dos homens*. v. 2, Petrópolis, Vozes, 1971, p. 7.

apático... Também quando o povo está impotente, ele está demonstrando resistência à tutela e ao paternalismo”³².

O reconhecimento da própria incapacidade de compreensão do sofrimento do povo através de atitudes preconcebidas, de um lado, e a imperiosidade de tentar compreendê-lo imposta pela teologia da encarnação, de outro lado, têm conseqüências de grande alcance para um modelo libertador de Aconselhamento Pastoral. Menciono algumas delas:

— A atitude do ouvir, tão destacada por aqueles que se ocupam com o Aconselhamento Pastoral, deixará de ser um instrumento apenas pedagógico para a compreensão do outro, para se tornar numa postura derivada da própria fé cristã. O ouvir adquire uma natureza teológica. Na verdade passa a ser a única atitude pastoral teologicamente justificável em vista da situação degradante e constrangedora de pobreza à qual está exposta uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus. A atitude de escuta é teológica também porque Deus fala através do clamor do pobre.

— Fica excluída qualquer atitude assistencialista do Aconselhamento Pastoral. Recupera-se, assim, na poimênica libertadora latino-americana, uma premissa profundamente arraigada na tradição protestante já enfatizada por Schleiermacher,³³ que, por respeito à liberdade e à autonomia intencidas pelo Criador, polemiza contra toda e qualquer forma de tutela pastoral de pessoas.

— Como se evidenciou no exemplo da favela, do qual falamos acima, uma ação transformadora requer que o/a agente de pastoral se insira pessoalmente no contexto onde vivem as pessoas com quem pretende trabalhar. O próprio Jesus Cristo não só assumiu forma humana; ele também assumiu o contexto humano, para levar ambos, a pessoa e o seu contexto, à redenção.

Uma poimênica libertadora exige que o pastor ou quem quer que a pratique se exponha às pessoas e ao seu contexto e procure junto com elas por caminhos que integrem transformação pessoal e estrutural. Ora, uma tal poimênica precisa necessariamente romper com a prática convencional do Aconselhamento Pastoral restrito às quatro paredes confortáveis de um gabinete pastoral.

32 — U. SCHOENBORN, op. cit. p. 87.

33 — *Die Freiheit des einzelnen und sein Verhältnis zur christlichen Gemeinde*. Apud F. WINTZER, op. cit. p. 3s.

3. Conceito de pecado

Uma poimênica que pretende ser libertadora precisa distinguir muito claramente entre pecado individual e pecado estrutural. Não é difícil para a igreja, na América Latina, convencer as pessoas humildes de que a maior parte do seu sofrimento e da sua pobreza se deve ao fracasso pessoal, respectivamente, ao pecado individual. Os pobres já se sentem por si mesmos como fracassados e têm vergonha da sua situação. O Aconselhamento Pastoral precisa cuidar para não reforçar mais ainda o sentimento de impotência, de resignação e de fracasso do povo sofrido. Deve alertá-lo, isso sim, para o fato de que nem tudo a que se passa com ele é de sua própria responsabilidade. Por muito tempo a igreja latino-americana se preocupou unilateralmente com os pecados que as pessoas cometem. Urge que ela passe a se preocupar com a mesma intensidade com os pecados que as pessoas sofrem³⁴.

Na medida em que o Aconselhamento Pastoral tiver uma função conscientizadora sobre estruturas opressivas, ele terá uma função profilática. Isto é, atuará preventivamente contra as causas geradoras de muitos problemas. Ou alguém precisa primeiro tornar-se vítima duma estrutura injusta para ser merecedor duma intervenção pastoral?

Isso não significa ignorar a responsabilidade pessoal por determinados atos ou pretender isentar os pobres de toda e qualquer culpa, atribuindo-a apenas às estruturas ou aos ricos. O que se pretende é que cada um assuma a parcela de culpa que efetivamente tem. Nem mais e nem menos.

Faz parte da poimênica libertadora esta preocupação com a conscientização sobre as verdadeiras causas da opressão e dos fatores que geram grande parte do sofrimento e das doenças do povo. Detectar e desmascarar responsabilidades numa sociedade conflitiva como a nossa é fundamental para a atuação da igreja em geral. Mas ela tem importância especial no Aconselhamento Pastoral. Este precisa ajudar o indivíduo a descobrir de que maneira estruturas opressivas ou o pecado estrutural se abate sobre ele como pessoa, como grupo familiar ou como classe. Disso depende entre outras coisas a difícil tarefa pastoral de discernir entre consolar e questionar.

Concretamente isso significa que a/o pastor(a) ou quem quer que desempenhe uma atividade poimênica precisa assumir uma postura de

34 — Cf. T.HANKS, apud G.BRAKEMEIER. Pobres e pecadores na ótica de Jesus. *Estudos Teológicos*, Ano 25, 1985, p. 20.

solidariedade quando está diante de uma vítima da violência estrutural, mantendo, ao mesmo tempo, uma postura profética de denúncia diante dos fatores que a geraram. O que fazer, por exemplo, com um operário de fábrica que é despedido por não se sujeitar ao esquema vigente na sua empresa e no seu setor de trabalho? Não é assim que muitas vezes o problema de uma estrutura passa a ser tratado como se fosse o problema de um indivíduo, no caso concreto, de rebeldia do operário?

A questão não é, portanto, apenas se o Aconselhamento Pastoral trabalha com pessoas individualmente ou não. A questão anterior e decisiva é se ele promove um avanço no processo de libertação estrutural, dando força para os que estão empenhados nessa luta, ou se ele os domestica e os "prepara" para se encaixarem no sistema.

O problema é que nossos ouvidos ainda não estão suficientemente treinados para ouvir os componentes estruturais do sofrimento humano.

Os poucos agentes que têm ouvidos suficientemente sensíveis para detectar causas transindividuais de sofrimento, não raro resignam diante da amplitude do problema que gera tal desgraça pessoal. Em consequência disso, acabam trazendo consolo em situações que exigiriam denúncia e denunciam responsabilidade individual quando pessoas são vítimas de problemas estruturais não detectados convenientemente.

4. Aconselhamento Pastoral como função comunitária

Assim como o Aconselhamento Pastoral não pode separar o sofrimento individual das condições estruturais que o ocasionam, tampouco poderá separar a ação do pastor da ação da comunidade eclesial. A comunidade representada por todos os seus membros é por Deus convocada a colaborar na superação do sofrimento e das suas causas. Esse mandato libertador da comunidade é duplo: uma vez ela se volta para si mesma e se torna terapêutica em seus próprios membros, e simultaneamente atua para fora de si mesma, tornando-se comunidade diacônica.

Enquanto voltada para os seus próprios membros, ela se fortalece na comunhão e na busca por libertação grupal. No exercício de sua função diacônica ela atuará de forma libertadora sobre o contexto maior. Enquanto estiver servindo apenas seus próprios membros, a comunidade perderá o vínculo com a origem de boa parte dos problemas que a afligem e tornar-se-á introvertida e alienada.

O mesmo vale para o ministério pastoral. Enquanto a pastora concentrar em suas próprias mãos um ministério que é de todos os crentes, estará sufocando seu processo de amadurecimento e impedindo que cheguem à "perfeita varonilidade" na fé (Ef 4.13). Aconselhamento Pastoral é tarefa de todo o povo de Deus. A função específica da pastora no contexto da prática libertadora, consiste primordialmente em contribuir para que o próprio povo de Deus assuma em suas mãos a causa que é dele mesmo, respectivamente do próprio Deus. Falando com palavras de Paulo Freire: "Ninguém se salva sozinho, ninguém salva ninguém; só nos salvamos em conjunto". Isso dá oportunidade a que surja uma grande diversidade de ministérios no seio da própria comunidade, entre os quais também o ministério poimênico.

Para mim foi impressionante e, ao mesmo tempo, difícil de entender como um grupo de mais de 1000 famílias de sem-terra conseguia resistir durante mais de 2 anos em situação de extrema penúria, morando em barracos de lona, expostos ao frio, à doença, à fome, à perseguição policial e à grande incerteza sobre o dia de amanhã. Numa de minhas visitas ao acampamento, tive oportunidade de participar de encontros grupais de leitura da bíblia, canto, oração e do compartilhar de preocupações individuais e coletivas. Pude participar também de uma celebração maior de um culto eucarístico. A partir daí entendi um pouco melhor o que dava a esse povo tamanha capacidade de resistência. É a força do compartilhar diário de suas frustrações e esperanças e a celebração litúrgica comunitária que lhes dava a estrutura pessoal e coletiva de continuar na luta.

Nessa experiência descobri o profundo significado poimênico e terapêutico da celebração comunitária. Percebi também que poimênica pode se dar de forma implícita no processo de libertação coletiva do povo. Esse mesmo processo leva pessoas a encontrarem a sua identidade e a se assumirem como grupo ou classe e a crescerem na comunhão de fé. É natural que também haja aqui necessidade de aconselhamento individual, de estímulo e de correção mútua. Mas isso acontece sem que exista alguém que desempenhe essa função de maneira profissional ou como tarefa exclusiva. A comunidade não está subordinada à atuação pastoral de um detentor do ministério³⁵. Ela mesma é portadora de um ministério. É tão somente como membro de uma comunidade que se legitima a ação desta mesma comunidade em um de seus membros individualmente.

35 -- Isso não exclui que em determinadas circunstâncias o detentor do ministério especial, por força de sua ordenação e de sua missão profética, questione ou até mesmo repreenda a comunidade.

D) Considerações metodológicas

O Aconselhamento Pastoral, assim como está aqui concebido, requer uma metodologia que esteja adequada aos propósitos libertadores. Essa nova metodologia em seus detalhes terá que ser aperfeiçoada na prática. Cabe-me aqui apenas esboçar algumas pistas que considero essenciais.

a) Sempre que possível deveria se manter simultaneamente contatos **individuais e grupais** ao longo de um acompanhamento pastoral. O contato individual assegura que seja respeitada a singularidade de cada pessoa e sua forma particular de sofrimento. O contato individual favorece que a pessoa assuma uma responsabilidade pessoal para superar a crise dentro de uma modalidade que lhe pareça viável.

Os encontros grupais servem para discutir problemas coletivos e para encontrar estratégias grupais de superação de problemas que atingem a toda a comunidade. Essa perspectiva grupal preserva as pessoas e a própria poimênica de um estreitamento individualista na medida em que ali se enfocam os problemas dentro de uma perspectiva macro-estrutural. É importante que ocorra, simultaneamente, um processo de personalização e de socialização da dor.

b) Como em qualquer outra relação poimênica, também aqui o **ouvir** é de importância vital. A atitude de ouvir é, antes de mais nada, uma atitude de respeito à outra pessoa e à situação por ela vivida. É necessário frisar que o ouvir que se propõe aqui não permanece restrito ao âmbito subjetivo e pessoal do interlocutor, ainda que também essa dimensão seja de grande importância. O ouvir do qual estamos falando inclui o ouvir de toda a trajetória pessoal de alguém como membro de um grupo ou duma classe social. Na medida em que se atentar para essa questão, aspectos como a situação econômica, cultural, racial, das relações de trabalho, de sexo e outros passam a ser de grande relevância para uma compreensão, pelo menos aproximada, do nosso interlocutor.

A poimênica libertadora procura reconstruir com a pessoa sua história em todos os níveis, incluindo-se nela a trajetória pessoal e a trajetória do grupo social ao qual ela pertence³⁶. É necessário que a poimênica ajude a própria pessoa e o seu grupo a perceber como chegaram a estar na situação em que estão, quais os fatores estruturais que contribuíram

36 — Por exemplo: Não se entenderá jamais uma pessoa negra se não se atentar para toda a trajetória histórica dos povos negros, para a sua escravidão e para o sentimento que esse processo secular de discriminação provocou.

para isso. Se o ouvir não incluir essa dimensão transindividual, as soluções fatalmente sofrerão um estreitamento individualizante.

c) Assim como o ouvir, também o **falar** tem um papel destacado num Aconselhamento Pastoral que pretende ser libertador. O desabafo, a confissão, a catarse através da palavra têm uma função terapêutica universalmente reconhecida. No entanto, num contexto de opressão como na América Latina não basta a catarse. O clamor que se expressa em palavras não pode permanecer restrito à esfera duma manifestação oral apenas. A libertação pela palavra inaugura uma libertação maior. A palavra é apenas um primeiro ensaio.

O momento da libertação verbal tem um sentido em si mesmo. Mas aponta para além de si mesmo. O Aconselhamento Pastoral tem a tarefa de contribuir para que o grito expresso em palavras se prolongue num protesto organizado contra a opressão. Cabe ao Aconselhamento Pastoral ajudar a organizar o grito dos oprimidos.

Através da comunicação verbal surge a consciência do problema individual e coletivo. Essa consciência é muito importante. A poimênica norte-atlântica, na esteira da psicoterapia, parte da premissa de que uma vez adquirida a consciência do problema, este se encaminha quase que automaticamente a uma solução. Uma poimênica libertadora valoriza o momento da consciência como sendo fundamental. Ela insiste, além disso, na necessidade de se estabelecer, de início, uma estratégia concreta de **ação** com a pessoa ou grupo com que se trabalha pastoralmente. Na ação prática se transformará também a consciência. Ação e reflexão, consciência e engajamento concreto se complementam mutuamente. Só na medida em que o Aconselhamento Pastoral basear sua metodologia de trabalho nessa dialética, ela recuperará o sentido bíblico do "dabar" como palavra + ação.

d) Num contexto de tamanha opressão como na América Latina é oportuno que se comece pelo **sofrimento imediato**. A poimênica precisa ter como tema o cotidiano, pois o cotidiano se tornou em situação limítrofe. Os problemas, em boa parte dos casos, resultam da luta pela sobrevivência nua e crua. Justifica-se pois, como ponto de partida metodológico, iniciar com a situação concreta assim como o indivíduo ou o grupo com o qual se está em contato a experimentam. O concreto, o imediato é uma representação caótica do todo (Marx).

e) Ao nos ocuparmos poimênicamente, por exemplo, com uma pessoa doente em um bairro pobre, precisamos combinar medidas de socorro imediato com um processo de **ação-reflexão a médio prazo** com a

própria pessoa doente (na medida de suas possibilidades) e com os seus familiares e vizinhos. As causas mais profundas de natureza macro-estrutural que geram a doença precisam ser desmascaradas e julgadas à luz da palavra de Deus. Paralelamente a esse processo de reflexão e ação sobre questões macro-estruturais, é necessário que se examine também questões de natureza pessoal. A responsabilidade individual não pode ser negligenciada, na medida em que também ela contribui para gerar doenças.

Como já foi dito, é fundamental que junto com o processo de conscientização sobre as causas estruturais e individuais que geram doença se planeje e se executem passos concretos que visem a superação da doença e das suas causas. A pessoa doente e o seu grupo de pertença são agentes ativos de mudança. Aconselhamento Pastoral não pode estimular uma tendência natural de transferir para a pastora ou agente ou mesmo para Deus a responsabilidade que cabe ao próprio indivíduo ou grupo assumir.

Não se pode, sob nenhuma hipótese, perder de vista o caso concreto que originou a interferência da pastora, no exemplo dado, a pessoa doente. Não se pode sacrificar o problema pessoal concreto do qual se partiu em função do estrutural e vice-versa. O proprium da poimência é justamente esse: atentar para o sofrimento singular das pessoas no contexto do sofrimento global.

E) Considerações Finais

Depois de uma introdução sobre a realidade latino-americana, formulamos a pergunta: Como articular um Aconselhamento Pastoral ajustado à realidade latino-americana que consiga contribuir efetivamente para a criação de estruturas mais justas, sem que o indivíduo seja perdido de vista? Para introduzir esta questão, partimos de um exemplo concreto de atuação numa Comunidade Eclesial de Base numa favela e tentamos, em seguida, destacar tendências libertadoras que se observam em meio à nova igreja latino-americana³⁷. Partimos, portanto, de uma prática libertadora que, na sua intenção original, pouco tem a ver com o que nós chamamos de Aconselhamento Pastoral ou Poimênica. Espero que tenha se evidenciado que, mesmo assim, a teologia e a prática da libertação são capazes de fornecer subsídios importantes para um Aconselhamento Pastoral libertador.

Vimos que um Aconselhamento Pastoral latino-americano precisa estar afinado com um processo amplo de libertação que está em movimento neste continente. Isso significa que, uma vez desencadeado um processo de libertação como o que se observa, por exemplo, no interior das CEBs, a poimênica não pode pretender desenvolver uma ação paralela como se ela corresse por outros trilhos e nem tampouco uma ação meramente tópica, sem levar em conta o conjunto dos mecanismos sociais que estão se desenvolvendo ao seu redor.

Concretamente isso significa que se um pastor ou agente de pastoral que atua na base visitar uma senhora doente, ele não poderá assumir uma postura paternalista ou outra atitude qualquer, que esteja em contradição com o que essa senhora vem experimentando e descobrindo no convívio com os demais integrantes do seu grupo de base. Ele pouco poderá insinuar que a doença e a miséria desta senhora seja apenas fruto de culpa ou fracasso pessoal. Cabe-lhe indicar a relação que existe entre sua situação pessoal e a realidade estrutural dentro da qual ela está inserida.

Aconselhamento Pastoral é uma função comunitária. Como tal é uma forma especial de vivenciar na situação singular de uma pessoa, a libertação ampla que toda a comunidade está buscando à luz do Evangelho. É uma forma particular de concretização da libertação social que, mediante a força da fé, está em marcha entre o povo de Deus. **Nesse sentido, a poimênica está totalmente a serviço da busca do povo de Deus por libertação global da sociedade.**

Por outro lado, o Aconselhamento Pastoral precisa ter suas competências claramente estabelecidas e seu campo de atuação bem delimitado. O fato de sua atuação estar afinada com a libertação global não significa que ela esteja autorizada a pretender encampar todo o processo de libertação da Igreja. O processo de libertação latino-americano é um fenômeno muito amplo e complexo. O Aconselhamento Pastoral precisa achar o seu lugar próprio nesse processo.

O lugar próprio do Aconselhamento Pastoral no processo de libertação latino-americano consiste justamente em dar atenção às manifestações pessoais e particulares de sofrimento ao longo de um processo coletivo de luta, especialmente onde estas preocupações ficarem relegadas a planos secundários. Assim como é um erro particularizar problemas coletivos é igualmente um erro pretender coletivizar problemas particulares ainda que esses tenham relação com questões estruturais. Cada pessoa merece, dentro dum processo abrangente, ter o seu lugar como membro único, especial e insubstituível dentro da comunidade. É impor-

tante e necessário que isso seja enfatizado num mundo de crescente massificação e alienação. **Nesse sentido a poimênica está totalmente a serviço da pessoa como membro do povo de Deus.**

Nessa dialética a poimênica pode não só receber impulsos enriquecedores da TdL, como também prestar relevantes serviços ao processo de libertação latino-americano. Penso, por exemplo, nas seguintes tarefas:

— Contribuir para que a perspectiva poimênica que, como vimos, está implícita na práxis libertadora do povo de Deus, especialmente nas CEBs, seja articulado de forma mais explícita. Cabe-lhe também ajudar para que os agentes de pastoral e a comunidade toda se tornem mais sensíveis para manifestações de sofrimento que exijam uma atenção personalizada e para as quais os movimentos de massa nem sempre são capazes de atentar.

— Os baixos salários, o desemprego, as condições de moradia, etc. geram tensão emocional e ansiedade que repercutem sobre todas as formas de relacionamento interpessoal, de modo especial, sobre a área familiar. Cabe ao Aconselhamento Pastoral alertar para os componentes psicológicos do sofrimento causado pelo sistema. Ele pode fazê-lo como porta-voz duma Psicologia Pastoral que leve em consideração o contexto específico de sua atuação.

— Já se torna evidente aqui e acolá que na práxis libertadora latino-americana pessoas têm experimentado um grande crescimento em sua consciência política e nível racional, sem que esse crescimento tenha sido acompanhado em igual proporção na área emocional ou na sua capacidade de relacionamento consigo mesmo e com os demais membros da comunidade. Poderia ser uma tarefa do Aconselhamento Pastoral e da Psicologia Pastoral contribuir para um crescimento integrado da pessoa em todas as dimensões (racional, emocional e espiritual). O Aconselhamento Pastoral teria, nesse caso, a função de ampliar ou complementar o processo de libertação, estendendo-o para áreas até agora ainda um tanto negligenciadas pela práxis de libertação latino-americana.

— Por último, entendo que cabe ao Aconselhamento Pastoral um papel no acompanhamento a pastores/as e agentes visando dar-lhes uma estrutura pessoal, inclusive psíquica e espiritual, que os ajude a suportar o desgaste resultante da luta ao lado do povo, de modo a que possam levá-la avante sem vacilar. Quantas pessoas sucumbem ou desanimam diante da grandeza da tarefa. O Aconselhamento Pastoral pode re-

presentar um estímulo e um auxílio efetivo frente à impotência que não raro se apodera das pessoas que estão engajadas numa luta gigante e desigual frente a estruturas muito mais poderosas e melhor equipadas do que os que pretendem derrubá-las.

Conclui-se, assim, que a contribuição do Aconselhamento Pastoral para a práxis libertadora latino-americana consiste em ajudá-la a estender a perspectiva libertadora para a esfera pessoal, familiar e psicológica e para determinadas situações cruciais da vida que podem ser perdidas de vista em decorrência da abrangência da causa em jogo, ou seja, a libertação estrutural³⁸.

A contribuição da TdL para o Aconselhamento Pastoral consiste em alargar-lhe os horizontes, de modo a que a perspectiva sócio-econômica e política, enfim, a dimensão profética do Evangelho, seja integrada em sua proposta de atuação.

O Reino de Deus inclui tanto a perspectiva abrangente da espera ativa por um novo céu e uma nova terra, quanto a perspectiva pessoal expressa na esperança de que seja enxugada toda lágrima que brota nos olhos de cada umas das criaturas de Deus.

38 ... Com relação ao perigo do uso da Psicologia como fator de estabilização do sistema vigente, cf. T. ADORNO. Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie. In: *Soziologische Schriften I*, Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft 306, 1979, p. 42s. Cf. também A. F. VERHEULE. Seelsorge in einer säkularen Gesellschaft. *Weg zum Menschen*, Ano 39, 1987, p. 103s.